

OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA HISTÓRIA ORAL: NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS DE SUJEITOS QUE PARTICIPARAM DO MOVIMENTO SOCIAL DOS SEM-TETO, EM FLORIANÓPOLIS-SC, 1984-2008.

Vanessa Moraes de Gouvêa
Mestranda do Programa de pós-graduação em História da UDESC-FAED
moraesgouvea@gmail.com

Diversos são os caminhos que nos levam a escolha de um tema de pesquisa, sendo que dentre eles há ainda, a possibilidade de que, por vezes, não somos nós quem escolhemos um determinado tema e, sim, a temática que nos escolhe ou atravessa, marcando-nos seja de uma maneira subliminar ou explícita. Pois bem, o interesse pela investigação da temática a ser discutida neste trabalho refere-se à pesquisa realizada entre os anos de 2007 e 2008, acerca da história do movimento social dos sem-teto, na cidade de Florianópolis, compreendida no período entre 1984 e 2008. Tal pesquisa teve por finalidade investigar os significados produzidos a partir das experiências de sujeitos que participaram deste movimento social urbano. Sendo que, para tanto, as análises foram pautadas em suportes metodológicos que são utilizados por autores que orientam a prática de pesquisa em história oral, no tempo presente.

Ressalta-se que, a origem da referida pesquisa sobre o movimento social dos sem-teto remonta a uma inquietação da infância acerca do fato de que uma parcela da população brasileira não tinha (e, ainda, não tem) moradia, assim, por conseguinte, passados vinte anos dentre o jogo da memória e do esquecimento, ficou uma “infanta” curiosidade sobre o porquê disso.

A luz do que ocorreu por todo o país e por vários países da América Latina, em Florianópolis não foi diferente a maneira como se estabeleceu (e vem se estabelecendo) as práticas vinculadas aos Movimentos Sociais por habitação e a relação com o poder público. O município de Florianópolis está inscrito em um quadro de inúmeras paisagens naturais, sendo que vislumbra uma porcentagem relevante do que sobrou da Mata Atlântica, é também, uma cidade que em consequência do fomento ao turismo ao longo da década de 1980, por parte do empresariado da indústria e do comércio local, passou a atrair todos os anos, principalmente na temporada de verão, milhares de turistas. Fato esse que somado a ascendente valorização das terras na cidade, gerada, principalmente pelos investimentos públicos em infra-estrutura provocou, a partir da

década de 1970, uma crescente especulação imobiliária, que torna cada dia mais difícil o acesso à moradia para as populações de baixa renda. Soma-se a isso, ainda, o contexto das migrações ocorridas, com maior intensidade nos anos 80, de pessoas vindas de outras cidades do estado de Santa Catarina, bem como de outros estados da federação, para o município de Florianópolis.

Neste ínterim, o movimento dos sem-teto, surge a partir de meados da década de 1980, enquanto um movimento social urbano colocando em debate as disputas presentes na e pela cidade, a qual se configurava alheia às expectativas projetadas pelas elites dominantes.

Assim, este trabalho tem como objetivo central visibilizar os significados que foram atribuídos por meio das experiências dos sujeitos que participaram do movimento social dos sem-teto, mediante o processo de luta pelo acesso à moradia, no município de Florianópolis, tendo em vista as relações que foram estabelecidas, tanto em termos de negociações como de confrontações entre o movimento e o Poder Público Municipal. Para isso, buscamos analisar as narrativas que foram constituídas a partir dos significados políticos instituídos pelos agentes históricos de tal contexto.

Dessa forma, procedem-se algumas considerações acerca dos caminhos metodológicos proporcionados pela História Oral do tempo presente, pois de acordo com Portelli (1997), a primeira coisa que a torna diferente é aquela que nos conta menos sobre eventos do que sobre significados, sendo que o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. Assim, no intuito de recuperarmos, para o campo da história, as vozes dos atores sociais que participaram do processo de luta e mobilizações pelo acesso à moradia, buscando perceber como esses agentes históricos significaram os interesses, vontades, direitos e práticas inscritas neste processo, realizamos cinco entrevistas abertas, norteadas por um roteiro semi-estruturado, de forma individual. Para isso, antes de iniciar as entrevistas individuais, o documento “Termo de Consentimento Livre”, era apresentado ao entrevistado, informando-o sobre os propósitos, procedimentos e questões éticas da pesquisa. Todavia, nenhum dos entrevistados se manifestou em relação à opção de manter ou não seus nomes sob sigilo, sendo que consideramos por bem, adotar nomes fictícios. Também, mantivemos a estrutura das

falas dos sujeitos, fiel ao modo como eles direcionaram suas narrativas, ou seja, sem correções gramaticais e dos vícios de linguagem.

Deste modo, com base em conceitos como a “experiência vivida”, noções teóricas e na investigação sobre o contexto histórico no qual o movimento dos sem-teto surgiu na esfera pública, foram analisados, a partir dos depoimentos orais, os discursos que constituíram e foram constituídos por esses sujeitos políticos, enquanto significados instituídos por meio da participação no movimento. Dessa maneira, buscou-se analisar as significações contidas nos relatos destes sujeitos, que vão desde as referências ao estabelecimento de diferentes formas de relacionamento do movimento com o Poder Público Municipal, na sua luta por um espaço público/privado, tais como: as formas de resistência em relação às ações de Reintegração de Posse; as ocupações organizadas de terrenos; o encaminhamento de emendas populares na constituinte municipal; bem como a pressão exercida para a criação de um Fundo de Integração Social no município; também as relações do movimento tanto com a Igreja Católica, como com os partidos políticos. Até a maneira como estes sujeitos significam as questões como a cultura política exercida, em Florianópolis, as disputas na e pela cidade, as permanências e rupturas ocasionadas pelas mobilizações promovidas na luta pelo direito à moradia, e o balanço da experiência vivida. Todavia, para fins deste trabalho, foram selecionados alguns recortes dos respectivos relatos dos cinco sujeitos entrevistados, a fim de exemplificar, principalmente, a significação de algumas das experiências vivenciadas pelos mesmos, sem contudo, esgotar todas as significações contidas em suas narrativas.

1- A experiência desvelada pelos caminhos metodológicos da História Oral

O contexto sócio-histórico no qual surgiu o movimento social dos sem-teto remete-nos a um passado recente. Ou seja, remonta a uma análise histórica do processo político de transição do regime militar para o civil, ocorrido em meados da década de 1980, bem como ao advento das mobilizações populares em resposta a crise habitacional que se agravou ao longo desse período e que ainda hoje, repousam sem solução.

O historiador Eric Hobsbawm (1998), em seu livro “Sobre História”, considera que há algo de verdade em afirmar que “toda história é história contemporânea disfarçada” (p.243), admitindo ainda que, “na prática, a maior parte do que a história

pode nos dizer sobre as sociedades contemporâneas baseia-se em uma combinação entre experiência histórica e perspectiva histórica” (p.47). Mas, ao tecer considerações sobre o “presente como história” e a possibilidade de se escrever a história de nosso próprio tempo, uma vez que, inevitavelmente nos situamos no “*continuum* de nossa própria existência” (p.36), este autor, não deixa de apontar também para a existência de certas dificuldades, para o historiador de seu próprio tempo.

Tendo em vista que a relação do historiador com a realidade que o circunda, passa pela sua análise em um contexto temporal contínuo e que a história faz-se com idéias, hipóteses, explicações e interpretações, que nos ajudam a descobrir e a construir as fontes, este trabalho tem por intuito refletir acerca dos significados que emergem a partir das experiências dos sujeitos que participaram do movimento social dos sem-teto, tendo por fundamento a evidência oral, ou seja, a utilização de fontes orais.

Cientes de que tais fontes não são objetivas, justifica-se para este trabalho a escolha metodológica dos procedimentos e instrumentos da história oral do tempo presente, por meio de entrevistas abertas e semi-estruturadas, uma vez que, segundo Alessandro Portelli (1997), o trabalho histórico que se utiliza de fontes orais é infundável, dada a natureza das fontes, sendo que as fontes orais são condições necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas.

Ao dissertar sobre a desatenção à oralidade das fontes orais sustentadas diretamente na teoria interpretativa, Portelli (1997) ressalta que a origem é o primeiro aspecto usualmente destacado, pois as fontes orais são capazes de informar sobre o povo iletrado ou grupos sociais cuja história escrita é falha ou distorcida, sendo que um segundo aspecto refere-se ao conteúdo, ou seja, a vida diária e a cultura material destas pessoas e grupos, da qual se destaca também, a experiência.

Este mesmo autor alude para o fato de que as fontes orais podem não acrescentar muito ao que já se sabe, por exemplo, sobre “o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos, mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos” (Portelli, 1997, 31). Segundo Maria Isaura Queiroz (1988), a história de vida é o registro do relato de um narrador sobre sua existência por meio do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Sob este aspecto, o pesquisador interfere o menos possível na fala do narrador, deixa-o

com maior liberdade para selecionar as passagens que julgam significativas. Dessa forma, a própria seleção feita pelo narrador é um elemento a ser explorado na análise.

Bloch (2003) assinala para o fato de que já no depoimento, o pesquisador tende a conduzir muito mais a conversa do que quando está interessado na história de vida. Direciona-se a memória do informante especificamente para os acontecimentos que se relacionam diretamente com a temática do trabalho, eliminando-se variáveis secundárias que também concorrem para o fenômeno estudado. Logo, a história de vida permite que um maior número de sutilezas envolvidas no fenômeno social sejam apreendidas; deixa-se ver o que não está explícito ou mesmo o que é “indizível”.

De acordo com Jorge Eduardo Lozano (1994), “abordar o fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: o processo da comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humanas.” (p.15) Este autor conclui ainda dizendo que, “aprende-se melhor a história oral experimentando-a, praticando-a sistemática e criticamente; mantendo a disposição de voltar atrás reflexivamente sobre os passos percorridos, com a finalidade de melhorar cada vez mais o nosso desempenho” (p.25).

Levando-se em consideração de que a memória não é apenas um depositário passivo de fatos, porém um processo ativo de criação de significações, Portelli (1997), argumenta que “a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas mudanças forjadas pela memória” (p.33), posto que tais modificações “revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico” (Idem).

Neste sentido, ao optar por esta metodologia, este trabalho busca contemplar algumas das experiências que emergiram do processo de luta pelo acesso à moradia, empreendido pelo movimento social dos sem-teto, na cidade de Florianópolis. Para isso, procedeu-se a abordagem da concepção teórica da História Social, utilizando como categoria de análise a experiência, pensada a partir da formulação deste conceito pelo historiador Edward P. Thompson, a fim de historicizar as significações que a experiência produziu a partir da relação dos sujeitos com o movimento social dos sem-teto.

Segundo o entendimento de Gohn (2004), ao retomar uma categoria básica de análise, nos marcos do materialismo histórico, que é a da experiência histórica e cultural das pessoas, Thompson, por meio de uma postura teórico-metodológica nada ortodoxa, propõe-se a trabalhar com as experiências das pessoas não apenas como simples atos de idéias, mas também como sentimentos, valores, consciência, enfim, experiências acumuladas que se sedimentaram. Sendo que essa “experiência” deve ser entendida como práxis que envolve uma reflexão tanto pessoal, quanto do grupo social e não tão somente como uma categoria de análise do pesquisador ou ainda como produto que surge na luta de classes. Posto que, para Thompson (1981):

Pela experiência os homens se tornam sujeitos, experimentam situações e relações produtivas como necessidades e interesses, como antagonismos. Eles tratam essa experiência em sua consciência e cultura e não apenas a introjetam. Ela não tem caráter só acumulativo. Ela é fundamentalmente qualitativa. (p.99)

Embora estabeleça críticas contundentes ao posicionamento de Thompson acerca dos sujeitos e a experiência, Joan Scott problematiza o projeto de tornar a experiência visível, sob outra perspectiva. Segundo esta historiadora:

(...) precisamos nos referir aos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e apresentam suas experiências. Não são indivíduos que têm experiência, mas sim os sujeitos que são construídos pela experiência. Experiência nesta definição torna-se, então, não a origem de nossa explanação, não a evidência legitimadora (porque vista ou sentida) que fundamenta o que é conhecido, mas sim o que procuramos explicar, sobre o que o conhecimento é apresentado. Pensar sobre a experiência desse modo é historicizá-la, bem como historicizar as identidades que ela produz. (SCOTT, 1998, p.304).

Para esta autora, o conceito de experiência formulado por Thompson, “uniu idéias de influências externas e sentimentos subjetivos, o estrutural e o psicológico”, sendo que isso “conferiu ao conceito uma influência mediadora entre a estrutura social e a consciência social” (Scott, 1998, p.309). Contudo, a autora lembra que a história sobre o que era relevante na vida dos trabalhadores, escrita por Thompson, bem como os relatos elaborados por organizadores políticos no século XIX, nada mais são do que ordenamentos seletivos de informações, que por meio da utilização de categorias originárias e relatos teleológicos, acabaram por legitimar um tipo e um modo particular de se fazer história. Sendo que, para autora, Thompson mantêm-se muito próximo da forma marxista de se pensar a “consciência em si e para si”, no que diz respeito a

utilização do termo “experiência” enquanto uma identidade comum de classe, com raízes em relações estruturais que preexistem à política. Com isso, Scott afirma que “o problema que Thompson buscou abordar não foi, de fato, solucionado” (p.311), uma vez que, ao invés de historicizar a categoria de classe, em sua história sobre a classe trabalhadora inglesa, ele acabou por essencializá-la (Scott, 1998).

Essa mesma autora argumenta que o discurso é por definição compartilhado e a experiência é tanto coletiva quanto individual, sendo que esta pode tanto confirmar o que já é conhecido, quanto perturbar o que parecia óbvio. Assim, ao explicar que os sujeitos são constituídos discursivamente e que a experiência é um acontecimento lingüístico que não acontece fora de significados estabelecidos e muito menos está confinada a uma ordem fixa de significado, também afirma que experiência é a história de um sujeito e a linguagem é o campo no qual a história se constitui (Scott, 1998).

Esta compreensão acerca da noção de experiência é problematizada também, por Bondía (2002), que partindo da “convicção de que as palavras produzem sentidos, criam realidades, e às vezes funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (p.20-21) argumenta que a palavra experiência, em suas diversas origens idiomáticas, pode ser entendida como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (p.21)

Em seu texto, “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, Bondía, considera necessário separar a noção de experiência do saber das coisas, advindo da informação. E, ressalta o fato de que vivemos em um mundo onde muitas coisas se passam e nos acontecem, no entanto, a experiência é cada vez mais rara, em função do excesso de opinião e de trabalho (os quais são erroneamente confundidos com a noção de experiência) e pela falta de tempo, que ao imprimir velocidade nos acontecimentos, pela ânsia do novo, impede não só a apreensão de suas significações, como também a memória. A partir destas observações, Bondía, esclarece que “a experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “*ex-iste*” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente” (2002, p.25). Sendo que o sujeito da experiência se define por uma passividade feita de paixão, “de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial” (Bondía, 2002, p.24) à sua própria transformação.

Assim, para este autor, a experiência é uma espécie de mediação entre o conhecimento e a vida humana, uma vez que, o saber da experiência se dá na relação entre ambos. Ao sublinhar a qualidade existencial do saber da experiência e frisar a separação entre experimento e experiência, dado que “a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade” (Bondía, 2002, p.28), o referido autor, conclui que “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido” (Idem).

Seguindo a linha de pensamento de Bondía (2002), penso que a experiência parte da objetivação e subjetivação do material, ou seja, das vivências dos sujeitos, sendo significada a partir da dialeticidade da linguagem, a qual constitui e é constituída pelos sujeitos, suscitando a produção de sentidos múltiplos e significados sobre a mesma. Há que se considerar, portanto, “que a produção de sentidos é construída por meio das diferentes formas do sujeito se apropriar de suas experiências, reflexiva e afetivamente” (Gomes, 2008, p.82). Assim, contar uma história por meio da versão de alguns sujeitos de uma cidade que se urbanizou (como tantas outras) de forma desordenada e que, nesse processo, acabou obliterando direitos, ocultando pessoas, necessidades, revela que estas mesmas pessoas, que participaram de um mesmo movimento social urbano, têm uma história diferente para contar sobre esse mesmo cenário. Posto que, suas experiências passam por diferentes significações, dado a constituição de cada sujeito.

Contudo, nosso propósito com as discussões acima tem por finalidade situar a escolha teórica e metodológica que norteiam a análise de nosso objeto de estudo. Passemos, então, ao projeto de tornar visível algumas das significações acerca das experiências dos sujeitos que participaram do movimento dos sem-teto, em Florianópolis.

2- Narrativas e experiências: os sujeitos do movimento sem-teto

A pesquisa de campo foi iniciada em 2007, quando então foram estabelecidos, ainda que de maneira informal, os primeiros contatos com três dos entrevistados deste trabalho. Estes primeiros contatos serviram como uma forma de aproximação desses sujeitos e também para identificação de outros atores que haviam participado do

movimento dos sem-teto. Isto de certa forma garantiu que a construção dessa investigação, a partir de depoimentos orais se desse de forma tranqüila, dada à facilidade em mapear e convidar os sujeitos que denotavam em seu discurso serem vozes autorizadas para falar do movimento ou mesmo por indicar outros sujeitos, que ao seus olhos também eram portadores dessa capacidade. Contudo, somente em 2008, procederam-se as entrevistas individuais, as quais foram agendadas mediante telefonemas e prévia apresentação dos propósitos e objetivos da pesquisa.

Apoema, foi o primeiro contatado para esta pesquisa, tem 51 anos de idade, nasceu em Santa Rita de Cássia, localizada no oeste do estado da Bahia, foi para São Paulo com seis anos de idade e reside em Florianópolis há 14 anos. Em São Paulo, começou sua militância no movimento sindical, pois era metalúrgico, sendo que no final dos anos de 1970, foi demitido e acabou indo morar na favela. Lá, fundou a Associação de Moradores de Favela do Jardim Comercial, e desde o início dos anos 80, atuou no movimento dos sem-teto e vem atuando, “principalmente, no movimento comunitário”. Ao chegar a Florianópolis, Apoema lembra que a primeira coisa com a qual se identificou em seu bairro, foi o Conselho Comunitário (que era filiado a União Florianopolitana das Entidades Comunitárias - UFECO). Associou-se ao Conselho e posteriormente fez parte da gestão de 2000 a 2002. Após, participou da UFECO, inicialmente, como segundo secretário e depois como presidente, por dois mandatos consecutivos, quando então, participou de alguns processos de luta por moradia no município. Também, engajou-se na questão do movimento do Passe Livre, e no Conselho Municipal de Transporte, como um dos representantes da UFECO. Atualmente, Apoema é marceneiro e lustrador de móveis e, continua militando em questões ligadas à moradia, mediante a representação da UFECO.

Avaré foi o segundo contatado para a realização da entrevista, disponibilizando-se de imediato, tem 58 anos de idade, é economista aposentado, nascido em Florianópolis e sempre residiu no bairro Campeche. Foi vereador por dois mandatos, sendo que no primeiro era filiado ao partido dos Trabalhadores (PT) e durante o segundo se desvinculou do mesmo, cumprindo o mandato sem vinculação a nenhum outro partido político. Sua participação no movimento dos sem-teto deu-se entre os anos de 1986 e 1993. No entanto, sempre esteve ligado a movimentos populares, participou também do “movimento dos direitos humanos”, sendo que atualmente participa das

discussões acerca do Plano Diretor Participativo do município e das mobilizações empreendidas pela “PANAE” (designação derivada do nome da empresa aérea “Pan-air”) também em torno das questões habitacionais, na região continental de Florianópolis.

Iracema, por sua vez, foi a terceira entrevistada desta pesquisa, tem 56 anos de idade, profissionalmente é cozinheira e nasceu em São Bonifácio, localizado na Grande Florianópolis, mas desde um ano de idade que reside em Florianópolis. De todos os entrevistados, Iracema foi a única que participou do movimento enquanto sem-teto, propriamente. Desde quando chegou à cidade, morou no morro do Mocotó, sendo que só em 1990 aderiu ao movimento dos sem-teto, participando da ocupação do Novo Horizonte, posteriormente no terreno localizado na Coloninha, e por fim, da ocupação que gerou a Comunidade Nova Esperança. Atualmente, Iracema continua militando no CARMOCRIS (Conselho das Associações da Região do Monte Cristo).

O primeiro contato estabelecido com Açucena, nossa quarta entrevistada, deu-se no final de 2007, durante uma assembléia geral dos moradores da Comunidade Nova Esperança, ao tempo da entrevista contava com 53 anos de idade, trabalhou durante muito tempo como professora, e hoje, anuncia-se como artista plástica. Nasceu na Palhoça/SC, morou em vários lugares, sendo que Brasília foi o último local que morou, antes de voltar para Florianópolis, em 1984. Esta data marca o início de sua participação no movimento dos sem-teto, uma vez que, Açucena foi uma das assessoras do CAPROM, contratada pelo padre da Igreja Santo Antônio para tratar da problemática dos migrantes na cidade. Segundo esta entrevistada, em 1992, ao assumir uma secretaria municipal, ela passou a atuar no movimento a partir do serviço público. Atualmente, milita e trabalha em um projeto social, com sede no bairro Monte Serrat, localizado no Maciço do Morro da Cruz.

Abaçai, nosso último entrevistado, foi referenciado em todas as demais entrevistas, como uma das lideranças do movimento. O contato com ele em um primeiro momento se deu também por telefone e depois pessoalmente, logo após a entrevista com Açucena, na sede do projeto social acima mencionado, uma vez que, Abaçai é o coordenador do projeto. Ele tem 54 anos de idade, nasceu em Brusque, mora em Florianópolis há 30 anos, é padre e educador popular. Participou no movimento desde a sua criação, por meio da atuação do CAPROM até 1995.

Portanto, foram entrevistados cinco sujeitos que militaram no movimento social dos sem-teto, entre meados da década de 1980 e início dos anos de 1990, sendo que dentre eles, apenas Iracema era ao tempo das ocupações e mobilizações, uma sem-teto. Os demais, que vinham de um processo histórico de lutas e mobilizações populares, aderiram ao movimento ou por identificação e solidarização à causa da reivindicação de moradia ou mesmo pelo próprio ofício que desempenhavam como foi o caso dos entrevistados que na época, eram membros da Igreja Católica.

Como a finalidade deste trabalho é a de analisar as significações que emergiram por meio da participação sócio-política, no movimento dos sem-teto, faz-se necessário olharmos para as experiências vivenciadas por estes sujeitos, que por razões diversas, se interessaram em participar do movimento dos sem-teto. Assim, temos que tornar o movimento visível não só capacita-nos a compreender a relação entre as atividades pessoais de seus integrantes e a política, como também, “quebra o silêncio sobre ele, desafia noções prevalescentes e abre novas possibilidades para todos” (Scott, 1998, p.298).

Com isso, a categoria experiência não é utilizada neste trabalho como origem (evidência) do conhecimento destes sujeitos sobre o movimento. O que nos importa é o “saber da experiência” (Bondía, 2002, p.27).

E isto pôde ser percebido na própria forma como os sujeitos entrevistados, ao acessarem suas memórias sobre o processo histórico do movimento dos sem-teto, selecionaram diferentes maneiras e eventos sobre o mesmo em seus discursos. A exemplo de quando indagados sobre a história do movimento, Açucena, Avaré e Abaçai foram unânimes em referir o surgimento do mesmo, em função da demanda migratória e das resistências às ações de “despejo” por parte daqueles que já ocupavam terrenos nas regiões de morro da cidade. Já Iracema recuperou sua perspectiva, pelo viés singular, significando o coletivo a partir do individual:

A história do movimento... é... tem bastante história do movimento (risos) interessante de falar. E eu vou falar da comunidade Nova Esperança e depois... eu participei primeiro... com o Movimento Sem-teto, da ocupação Novo Horizonte. Foi a primeira ocupação em Florianópolis organizada. Nessa, eu não ocupei, eu só participei como amiga do padre..., e moradora do Mocotó. Na segunda, eu fui preparada também pra ocupar. Por que aí não foi possível a moradia, né, que os governos fizessem moradia popular, quem fazia, o que existia de moradia em Florianópolis não dava pra gente, nosso nível, tá pagando, né. E aí ocupamos na Nova Esperança. Viemos com a ocupação organizada, cada um com o seu lote, foi... isso, alguns membros escolheram o terreno, e a gente já sabia pra onde ia morar. (Iracema)

Há que se salientar que, os sujeitos entrevistados ao recordarem sobre suas trajetórias de vida e de participação no movimento dos sem-teto, não se restringem à romantização do processo e sim, referenciam um passado de lutas e mobilizações pela moradia “como portadora de um sentido mais amplo: uma faceta da luta pelo direito à cidade” (Petuba, 2001, p.92) que ainda hoje se faz presente:

(...) Eu acho que nós... fomos muito bem preparados, pra ocupar. Nós não fomos preparados pra dizer o que que a gente precisava depois da ocupação, a gente precisa de moradia, sim, mas eu acho que mais ... isso... eu da Nova Esperança, é eu do Monte Cristo, por que hoje eu já não me considero só da Nova Esperança, eu me considero ... que mora no Monte Cristo, que tem que melhorar o Monte Cristo, pra poder tá melhorando. E eu acho que, mais importante pra nós hoje, educação. Povo com educação, é povo com moradia, é povo com saúde, é povo com cultura. (Iracema)

Neste sentido, tem-se que os sujeitos entrevistados ao voltar seus olhares para o passado com os olhos e as contaminações do presente, avaliando suas vivências e trajetórias, contabilizam a experiência vivida a partir do movimento dos sem-teto:

Ai, sei lá eu... eu podia ter aprendido mais. Eu acho que aprendi um pouco, sabe, mas nem sempre... tiro... às vezes me dá até revolta, do que eu aprendi. (...) fiz um curso na Udesc, Curso de Liderança Comunitária com mais um monte de gente. (...) Eu aproveitei o curso só que não ando por aqui tentando fazer alguma coisa, e muita gente que também fizeram curso, aproveitaram o curso pra dar ... uma rasteira na gente, até os próprios pessoal que nos... pagou esse curso, entendeu... é isso que às vezes entristece muito na experiência que eu tenho. Ver assim, gente que...fez o curso, continua fazendo o curso, e quando assume a... Associação de Moradores não são democráticos, aí eu posso, eu mando e eu quero. Por favor... (risos)... Com licença, e obrigada. É difícil quando você assume o poder e o dinheiro(...). (Iracema)

A experiência é assim percebida como um processo de aprendizado pessoal e conseqüentemente político, por meio da troca com pessoas do movimento, mas também com outros movimentos, em momentos de superação das dificuldades, seja pelos laços de solidariedade ou pela ressignificação de valores inscritos no jogo político ou mesmo de conceitos como democracia, cidadania.

Olha, eu acho que a nossa experiência de vida na época foi um grande aprendizado, por que a gente entrou de cheio dentro desse processo, né, e a gente foi aprendendo junto com os próprio moradores de rua à desvelar a realidade fundiária, na vida da cidade, e ao mesmo tempo discutir com as questões institucionais. Do ponto de vista do exercício da cidadania, foi um grande... espaço laboratorial, né, e... do ponto de vista de a gente poder tecer, perceber as correlações de força, trabalhar em cima dessas questões, não. Então avaliaria a nossa experiência como, ao mesmo tempo que a gente aprendeu, também a gente partilhou muito, né. Partilhou muito o processo,

não. Acho que foi muito em cima de um patamar de reciprocidade também. De aprendizado, de saberes, né, de saberes das pessoas, dos nossos saberes, foi uma grande... entrosamento desses processos todos. De aglutinação de tantas pessoas que vieram, não. Acho que a gente foi um pouco um pólo, meio catalisador, de diversos segmentos sociais, né, a linha jurídica, né, o processo da arquitetura, a linha da administração, essas interfaces que se construiu no processo do trabalho do Movimento, (...). Hoje, pra mim, nós estamos em outros tempos. Por que o Movimento também não se cristalizou. Também nem a própria vida da gente pode se cristalizar naquilo, não. Acho que hoje a gente vive... acho que o Movimento nos deu uma visão da cidade. De compreender a problemática urbana e os nós que produzem a cidade. (Abaçai)

Nos dizeres de Petuba (2001), “por meio das falas, vai-se acompanhando o significado profundo – que jamais poderá ser de todo apreendido, porque, sendo histórico, é inacabado e inconcluso” (p.101) e que, porém, não deixam escapar “o saldo da experiência vivida” (Idem). Lembrando que a experiência é uma mediação entre o conhecimento e a vida humana, e o saber da experiência se dá na relação entre ambos, o testemunho de Açucena é emblemático por exemplificar a noção do saber da experiência, sublinhado por Bondía (2002):

(...) no Movimento, eu aprendi,... a mediar relações, eu aprendi à conquistar e à ganhar lutas sem ter que partir pra violência, eu aprendi, ... métodos ... não violentos ... eu aprendi a ser tolerante, paciente, eu aprendi ... a pedir desculpas... aprendi à gerar a oportunidade de você me pedir desculpas, né, que quando tu pega um ocupante que tá nervoso, tá irado, tá grosso, malcriado, e ele te manda à puta que pariu, na hora que tu tá ali cansada, aquilo é uma ofensa, por que tu tá cansada já e, aí depois tu já, já despacha ele também, manda ele andar pra algum lugar, ‘vai relaxar, não quero falar contigo’, e ele fica num canto amuado, depois ele se ligou no que ele fez, e aí você sabe que ele não vai ter coragem de chegar pra você e dizer, ‘me desculpe, o que eu falei que eu tava muito nervoso, ou nervosa’, né. Então ... eu construía, ficava maquinando, de que forma eu vou gerar pra ele a oportunidade de ele perceber o que ele fez, e me pedir desculpas, né. Construir esse processo... Aprendi à ouvir, à ouvir os relatos das pessoas, e à... tentar buscar as entrelinhas, né, fazer a leitura do que ele tá querendo me dizer mas não consegue verbalizar... a criar resistência física... quando tu vê que a carne treme, tu não tem controle sobre ela mais, ... tu tá fazendo uma coisa, mas o teu corpo tá pulando, a tua carne tá pulando... E aí eu aprendi que tremem as carnes dos pobres e as carnes dos ricos e tremem as carnes...de quem tá na batalha de frente mas, treme a carne do comando policial, do governador. Eu vi! (...) aprendi que quando minha carne tremeu, é quando eu não tinha controle sobre ... o processo. Nem meu! Mais... e aí eu vou dizer, mas então, ele também não tem controle. Ele é frágil. Então, se ele é frágil... Se ele tá tremendo, é por que nós podemos. Né, por que se nós não pudéssemos, ele não ia, não ia deixar, não ia perder o controle (...). (Açucena)

O aprendizado mediado pela experiência para Açucena coaduna-se com o entendimento de Bondía de que “se o sujeito da experiência é um território de passagem,

então a experiência é uma paixão” (2002, p.26). Posto que, para este autor, a experiência só pode ser captada a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto um sujeito passional, ou seja, por uma lógica da paixão.

Tem-se que, na medida em que os movimentos sociais questionaram por meio de suas ações essa lógica de urbanização, ampliando o sentido de suas reivindicações, houve um redimensionamento “na perspectiva da conquista ao direito de participação no fazer-se da cidade” (Petuba, 2001, p.93).

Hoje, eu vejo que Florianópolis, ... o movimento popular que existe na cidade é em torno do Plano Diretor. E com uma grande dificuldade por causa dessa política. Eu sempre tive a universidade... sempre fiz crítica aos estágios, né... os alunos que vão lá, ficam um ano, um ano e meio, depois nunca mais dão retorno, né, e o segundo momento é a universidade inserida. Eu acho que a universidade ela serve pra dar uma assessoria aos movimentos, não pra ser o movimento. Isso está ocorrendo na cidade, com vários segmentos que têm por aí, né, até no Plano Diretor isso está bastante comum, né, então, não se cria liderança, por que as lideranças não conseguem sobressair, quando tem um grupo mais forte, né, e consegue abafar (...). (Avaré)

Partindo de uma leitura diferenciada dos demais sujeitos entrevistados, sobre os movimentos sociais, Apoema acaba fazendo um balanço sobre as trajetórias e as formas de mobilização dos mesmos. Entretanto, cabe ressaltar que a leitura que Apoema faz acerca do contexto de Florianópolis, bem como do movimento social dos sem-teto é apreendida a partir dos sentidos e percepções produzidas pela sua experiência, ou seja, ao tempo de suas vivências e de suas práticas enquanto um sujeito político atuante nos espaços institucionais de Florianópolis:

(...) o movimento é como se fosse uma erva-daninha (...) Aqui em Florianópolis. Eu, eu comparo assim: é uma erva daninha: pisa! (finge que pisa, bate palma). Acabou! De repente ele surge, numa explosão, né, de uma mobilização, ...mas daonde tava esse povo?, ... Então, é movimento. (...) o movimento sem-teto ele tem isso: ele vai indo, né, e aí o capitalismo, a especulação imobiliária vai empurrando, empurrando, empurrando, chega uma hora que ele reacende, e reacende com muita força. E isto faz parte... da história, né(...) O movimento sem-teto também é isso. Ele hoje ele tá num momento de organização, ainda, sem muita expressão, mas tá aí, né, por que, gente sem casa tem. A especulação imobiliária tem. Não é por falta de moradia. Você pegar hoje... o Diário Catarinense. Olhar a quantidade de imóveis vazios que tem, dá pra resolver tudo! Não é por falta de moradia que o povo não tem onde morar, moradia tem, agora, o acesso a ela é que é o problema. (...). Se a gente ocupasse todos os imóveis vazios, que tem o Brasil, nós não precisávamos lutar por uma casa sequer. Agora, o acesso à ela por conta de uma circulação, de um modelo de capital... aí... faz com que hoje nós registramos...sete milhões de sem-teto. (Apoema)

Petuba (2001) assinala que “o viver a cidade e na cidade constitui-se em experiências de reconhecimento de espaços, de alternativas, de mudanças, de práticas de formação de sujeitos políticos” (p.76). Com base disso, tem-se que o pano de fundo dos processos de luta e mobilizações pelo direito à moradia, refere-se ao direito à cidade, posto que os discursos dos sujeitos apontam, justamente, no sentido de que não basta apenas ter um teto para se viver. A questão habitacional, enquanto parte da vida urbana “pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos padrões que coexistem na cidade” (Lefebvre, 2001, p.15).

Contudo, ao percorrermos os caminhos metodológicos da história oral do tempo presente, para a realização daquela pesquisa, que culminou neste trabalho, foi-nos possibilitada a aproximação do cotidiano e da memória de parte dos atores sociais que participaram do movimento dos sem-teto, em Florianópolis. Sabemos, entretanto, que trabalhar com depoimentos orais não deixa de ser problemático, uma vez que, a lembrança diz respeito ao passado, e ao ser contada, a memória atualiza-se sempre a partir do presente. Assim, os relatos de vida estão sempre contaminados por vivências que lhes são posteriores, e conseqüentemente, são carregadas de significados e avaliações que têm como centro o momento da memorização. Sendo o passado uma invenção do presente, há que se considerar que as lembranças não são falsas ou verdadeiras, apenas contam o passado por meio dos olhos de quem as vivenciou. Dessa forma, o presente age como filtro, selecionando pedaços de recordações, recuperando-as do esquecimento. Para os fins deste trabalho, não nos interessou de imediato a veracidade ou não dos fatos que foram narrados, e sim, a utilização dos relatos de vida, na medida em que eles possibilitaram o alargamento da compreensão sobre o período, revelando-nos significados adstritos à subjetividade de cada expositor. A partir de um olhar histórico sobre as questões da vida urbana, entendemos que as narrativas e experiências que emergiram do processo de luta e mobilizações empreendidas pelos sujeitos que participaram do movimento social dos sem-teto, possibilitam-nos apreender diferentes significações acerca dos modos de se ver e viver a cidade, transmutando a visão macro de sociedade e Estado, por meio da escuta de pessoas que romperam o silêncio em suas ações individuais e coletivas.

REFERÊNCIAS

- BONDÍA, J. Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade de Campinas. Departamento de Linguística. Revista Brasileira de educação: Jan/Fev/Mar/Abr de 2002, n° 19, p.20-28.
- GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- GOMES, M. A. de. *Passe Livre Já: participação política e constituição do sujeito*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia. UFSC. 2008.
- HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LEFÉBVRE, Henri. 2004. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro.
- LOZANO, Jorge E. Aceves. *Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea*. In: Usos e abusos da história oral. 1999, p. 15-25.
- PETUBA, Rosângela. M. da S. *Pelo direito à cidade: experiência e luta dos ocupantes de terra do bairro Dom Almir, Uberlândia 1990-2000*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia: Departamento de História, 2001.
- PORTELLI, Alessandro. *Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade*. In: Projeto História. São Paulo, n° 14, fevereiro de 1997, p. 7- 24.
- _____. *O que faz a história oral diferente*. In: Projeto História. São Paulo, n° 14, fevereiro de 1997, p.25-39.
- QUEIROZ, M. “*Relatos orais do indizível ao dizível*” & MACIOTI, Maria Imacolata. “*Vida Cotidiana*”. In: Experimentos com histórias de vida :Itália-Brasil/org. e introdução Olga de Moraes von Simson. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988. (Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais)
- SCOTT, Joan W. *A Invisibilidade da Experiência*. In: Projeto História 16. São Paulo, fevereiro de 1998, p.297-325.
- THOMPSON, E.P. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- THOMPSON, E. P.. *A miséria da teoria* (The Poverty of theory and other essays). London: The Merlin Press. Zahar editores S.A, 1981, p. 47-62.